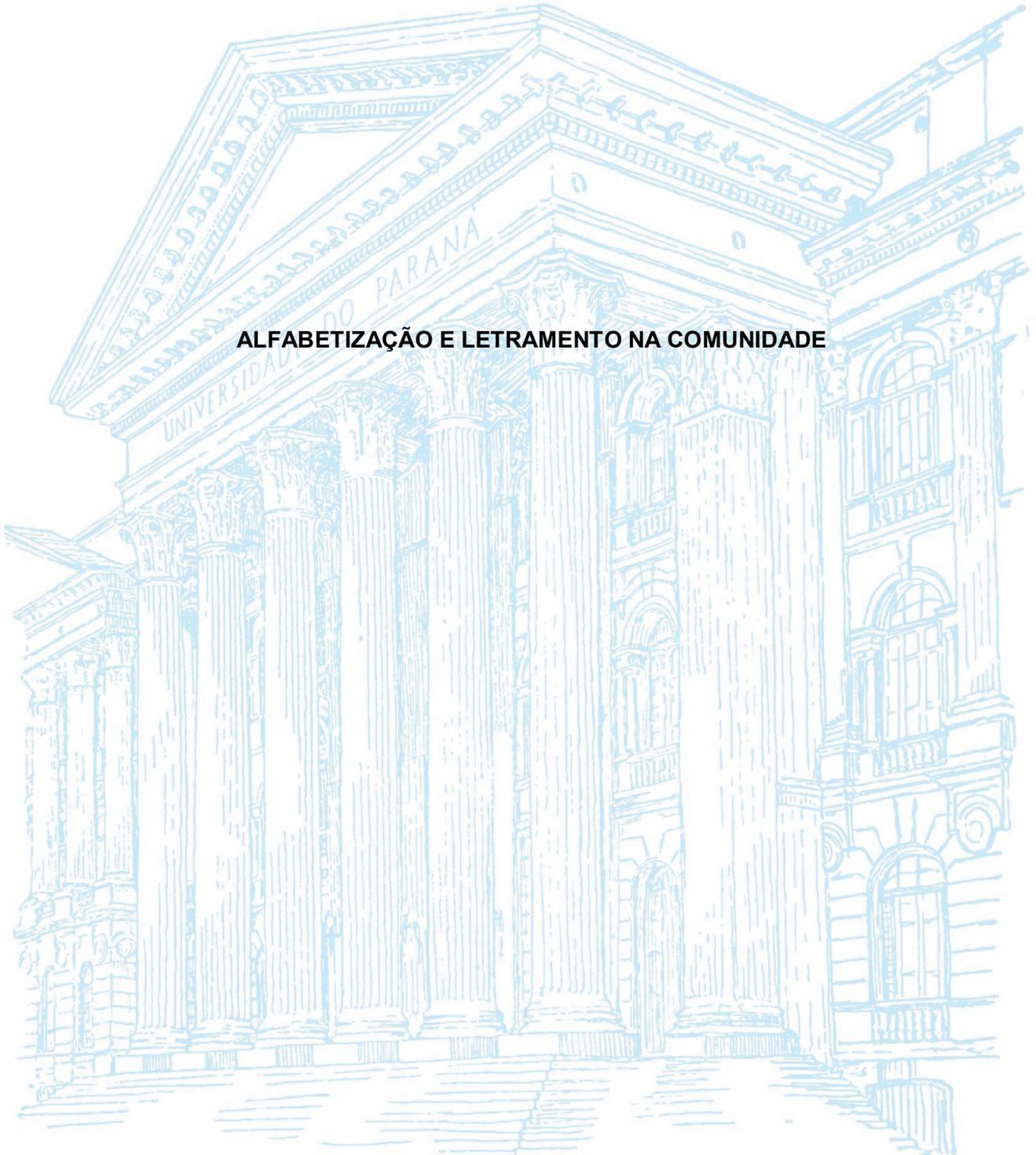


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUSTAVO ANTONIO RAMOS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA COMUNIDADE



MATINHOS

2020

GUSTAVO ANTONIO RAMOS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA COMUNIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma nova educação (ANE), setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Valentim da Silva

MATINHOS

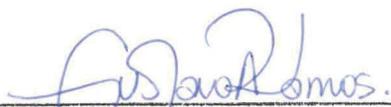
2020

TERMO DE APROVAÇÃO

GUSTAVO ANTONIO RAMOS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA COMUNIDADE

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.



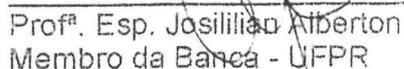
Gustavo Antonio Ramos
Estudante da Especialização ANE – UFPR



Prof. Dr. Valentin da Silva
Orientador – UFPR



Prof. Msc. Almir Carlos Andrade
Membro da Banca - UFPR



Profª. Esp. Josiliane Alberton
Membro da Banca - UFPR

Matinhos, 05 de dezembro de 2019.

DEDICATÓRIA

Dedico o título dessa especialização aos professores que contribuíram com a minha formação pessoal e profissional, sobretudo à professora doutora Juliana Zeggio Martinez – com quem muito dialoguei sobre as possibilidades de uma nova educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente aos meus pais por me permitirem voar conforme os ventos da minha vida e por estarem sempre ao meu lado. Agradeço, ainda, aos seres humanos que significam verdadeiramente o mundo.

*1º dia de aula
na sala de aula
eu e a sala*



(LEMINSKI; PIRES, 1976)

RESUMO

O autor do presente trabalho relata inicialmente a sua trajetória escolar que culmina na sua inserção e formação em Letras Português, bem como em sua inquietação quanto à escola e aulas tradicionais. Tais fatos levam-no a conhecer a especialização Alternativas para uma Nova Educação (ANE) na UFPR setor Litoral, curso que desafiou cada pós-graduando a ser um estudante autônomo e a visitar projetos educacionais contra-hegemônicos. O autor apresenta o próprio percurso para a construção do projeto Alfabetização e Letramento na Comunidade, requisito para a obtenção do título de especialista. O referido projeto surgiu a partir de dados inquietantes sobre a alta taxa de analfabetismo na terceira idade e instalou-se em uma associação de moradores no bairro Cajuru (cidade de Curitiba), local em que também surgiram novas ações a partir das necessidades da comunidade local. Evidencia-se, além disso, os desafios encontrados durante o processo de formação na especialização e o sentimento de pertencimento gerado pelo coletivo e rede ANE.

Palavras-chave: Alternativas educacionais. Projetos. Associação de moradores. Alfabetização. Letramento.

ABSTRACT

The author reports the beginning of his school trajectory, which culminates in his insertion and degree in Portuguese, as well as his concern about school and traditional classes. Facts that lead him look for the specialization Alternatives for a New Education (ANE) at UFPR Litoral, a course that challenged each student to be an autonomous and to visit counter-hegemonic educational projects. The author presents his participation in the foundation of the Community Literacy project, a requirement for obtaining the title of specialist. The aforementioned project was inspired from the disturbing data about the high rate of illiteracy in the elderly and was installed in a residents association in the Cajuru neighborhood (city of Curitiba), where new actions also emerged from the needs of the local community. In addition, it highlights the challenges encountered during the specialization training process and the feeling of belonging generated by the collective of the ANE network.

Keywords: Educational alternatives. Projects. Residents association. Literacy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ALUNOS E DIRETORA DA ESCOLA ANTONIO COELHO RAMALHO EM IBIÚNA, SÃO PAULO.....	22
FIGURA 2 - FAIXA DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.	24
FIGURA 3 - JOVENS DA ESCOLINHA DE FUTEBOL MANTIDA PELA ASSOCIAÇÃO.....	25
FIGURA 4 - JOGO CRIADO PELOS ALUNOS DA AÇÃO CRIANDO E BRINCANDO NA ESCOLA.....	28
FIGURA 5 - REGRAS DO JOGO DA VELHA ADAPTADO PELOS ALUNOS	29
FIGURA 6 - REGRAS ESCRITAS PELOS ALUNOS PARA O JOGO DA VELHA.....	30
FIGURA 7 - VAI E VEM CRIADO PELOS ALUNOS COM A AJUDA DA FAMÍLIA	31
FIGURA 8 - JOGO DA VELHA CRIADO PELOS ALUNOS	31
FIGURA 9 - CORREIO ELEGANTE ENVIADO A MIM EM UM DOS ENCONTROS ANE.	32
FIGURA 10 - EU E AS PARTICIPANTES DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO.....	34
FIGURA 11 - RELATO DE UMA PARTICIPANTE DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	39
FIGURA 12 - AULA DA AÇÃO AULÃO ENCCEJA 2019 NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	40
FIGURA 13 - ENCERRAMENTO DA AÇÃO AULÃO NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	41
FIGURA 14 - INTEGRANTES DO EIXO COMUNIDADES DURANTE UM ENCONTRO ANE.....	42

SUMÁRIO

1. TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	16
2. INTRODUÇÃO.....	18
3. DESENVOLVIMENTO	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6. REFERÊNCIAS	46

1. TRAJETÓRIA DE VIDA

A minha trajetória escolar foi marcada pela educação pública. Primeiramente em uma escola municipal, onde cursei o ensino fundamental I. Já durante o ensino fundamental II, fui aluno do Colégio Estadual Paulo Leminski, espaço que me permitiu conhecer os versos do poeta curitibano que a instituição leva o nome. No fim deste período, fui representante escolar e presidente do grêmio estudantil, momento em que me envolvi com militâncias por questões educacionais. O meu interesse por temas que ficarão evidentes constituiu-se importante desde a juventude.

Considero que a minha passagem pelo ensino médio no Colégio Estadual do Paraná também foi extremamente importante para a minha formação e para a escolha da profissão docente. Conquistei amizades que foram e outras que são importantes. Juntos nos envolvemos em projetos literários e construímos compreensões fundamentais. Escrevi diversos poemas e tive a honra de publicar um deles no livro *Sedução Poética* (publicação anual do colégio), além de receber honra ao mérito pela composição de um poema em comemoração ao aniversário da adoção da bandeira nacional. Tais fatos, portanto, levaram-me à graduação em Letras Português da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2013.

Dentro dos estudos linguísticos, o *letramento* foi o tópico que mais me encantou durante a graduação, pois em nosso mundo globalizado não basta que os cidadãos saibam ler e escrever sem atender às demandas da sociedade. Isso faz com que acabem não se envolvendo em práticas sociais que são fundamentadas pelo ler e pelo escrever, bem como acarreta que seus direitos não são utilizados plenamente, privando-se da dignidade humana.

No PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) Português, orientado pelo professor Altair Pivovar, desenvolvemos atividades textuais que focaram no envolvimento dos grupos de alunos com a leitura, discussão e construção de sentido. Deixamos de lado a mera leitura como decodificação e cobrança de respostas às perguntas, ao passo que a literatura se constituiu como ponto de motivação para o diálogo em grupo e para a construção do conhecimento autônomo.

As leituras que realizei das obras de Paulo Freire durante a minha graduação em Letras Português (UFPR, 2017), fizeram-me continuar repensando a

proposta de educação hegemônica presente em nossa sociedade. Acredito que esse desafio me levou à especialização ANE (Alternativas para uma Nova Educação), posto que no fim da graduação travei diversas discussões comigo mesmo, com colegas e com minha orientadora, Juliana Zeggio Martinez, sobre como possibilitar aulas de Língua Portuguesa sem que fossem tradicionais e se tornassem mais interessantes para os jovens estudantes. Em agosto de 2018, o desejo de cursar a ANE na UFPR Litoral se tornou realidade.

2. INTRODUÇÃO

O primeiro parágrafo da seção V da Lei de Diretrizes e Bases (LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996) defende a universalização da educação brasileira e assegura

[...] gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996).

No entanto, as pesquisas apontam uma realidade diferente: o número de analfabetos é alto em nosso país. A PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), por exemplo, demonstrou que em 2017 a taxa de analfabetismo estava em 7,1% entre os homens e em 6,8% entre as mulheres, apesar da melhora da taxa em relação ao ano de 2016. A pesquisa também evidenciou a realidade de que pessoas com 60 anos de idade ou mais somam 19,3% na taxa de analfabetismo brasileiro, ou seja, é a faixa etária com o maior número de analfabetos.

Baseado nisso, comecei a me questionar como um projeto ANE (Alternativas para uma Nova Educação), uma pós-graduação contra-hegemônica e que tem como pressupostos a *interculturalidade*, *interdisciplinaridade*, *intergeracionalidade*, *interterritorialidade*, *interinstitucionalidade* e *interexperencialidade*, poderia colaborar com a aprendizagem da leitura e da escrita de pessoas idosas que não tiveram oportunidades de frequentar a escola na idade adequada. Então, surgiu o projeto que chamei de *Alfabetização e letramento na comunidade* em uma associação de moradores em Curitiba (conforme discutiremos), sobretudo porque a PNAD (2018) revelou que na região sul do Brasil, área que desenvolvemos o projeto, a taxa de analfabetismo é de 18,9% entre o grupo citado.

Durante os diálogos com os sujeitos do projeto, questionei a razão de não terem frequentado ou concluído a educação básica. A resposta se centrou no motivo de que a sua infância e juventude foram marcadas por trabalhos no plantio e colheita na roça, pois, como sabemos, o povo brasileiro primeiramente trabalha para alimentar a si e a sua família e depois, ocasionalmente, pensa na sua própria formação, com o objetivo de construir um futuro melhor. Segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, **direito de todos e dever do Estado** e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, grifo nosso)

No entanto, na ausência de políticas públicas educacionais efetivas, o objetivo constitucional não tem sido alcançado, de modo que pessoas com mais de 60 anos vivem com o pouco que conseguem obter e quase não logram ler e escrever.

A partir desse panorama, o projeto parte do pressuposto de que o letramento é um importante aspecto da formação de todo e qualquer cidadão. Certamente a escola e a sociedade não podem permitir que as pessoas saibam apenas ler e interpretar, pois se “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...]” (FREIRE, 1989, p.13), é preciso que leiam, interpretem e tenham um posicionamento crítico frente às diversas questões sociais e individuais. Deste modo, trabalhamos semanalmente com as senhoras sujeitos do projeto *Alfabetização e letramento na comunidade* com o objetivo final de que elas se tornem indivíduos letrados, haja vista que o letramento é “[...] o estado ou a condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita [...]” (SOARES, 2009, p. 20)

Portanto, partimos da problemática de que os idosos são pouco alfabetizados para que durante o desenvolvimento do projeto eles consigam alcançar o letramento como um recurso individual que colabora com a sua inserção a outros grupos e a serviços na sociedade. As atividades, por exemplo, buscaram ser contextualizadas, ao passo que não queríamos um processo de alfabetização mecânica e sem sentido para a vida das mulheres indivíduos. Os jornais da comunidade e os panfletos dos mercados estão presentes em nossos encontros, além de eventuais jogos, como o dominó, caça-palavras, jogo da velha e até mesmo o *stop* adaptado, com o objetivo de estimular o raciocínio lógico, a atenção e a estratégia – fundamental para a resolução dos problemas individuais em nossas vidas. Curiosa e infelizmente, algumas mulheres não conheciam alguns desses jogos, o que demonstra, segundo a minha compreensão, a privação de bens sociais e culturais.

Durante o processo, a composição do grupo se modificou, porque algumas mulheres deixaram de vir e outras começaram a participar. Porém, o retorno delas

foi extremamente positivo e a ajuda mútua esteve presente encontro a encontro. Isso aconteceu naturalmente, pois o projeto foi composto por pessoas de níveis e tempos diferentes, como uma mãe e filha que já escreviam e liam textos mais complexos, demandando que eu me dividisse e atendesse cada uma do grupo individualmente. Percebi, desse modo, que um dos saberes indispensáveis citados por Freire em *Pedagogia da Autonomia* (2008, p. 22) está presente entre nós:

É preciso [...] que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Porque elas tiravam dúvidas entre si, o que colaborou fundamentalmente para a construção da autonomia individual e do grupo, na medida em que percebi que elas identificam o aprender a ler e a escrever como um objetivo comum.

Além disso, enfrentei o desafio de ter sido a primeira vez que trabalhei com adultos, inclusive ao mesmo tempo em que estava trabalhando com uma turma do 1º ano do ensino fundamental I, que são processos distintos de alfabetização. Porém, considero o atual desenvolvimento do projeto positivo, haja vista que as mulheres já leem e escrevem melhor do que quando iniciamos os encontros, embora ainda tenhamos muito trabalho a desenvolver, porque desejamos colaborar com o crescimento do alfabetismo.

O projeto se estrutura como um importante laço da especialização e rede ANE, posto que a proposta desenvolve aprendizados fora de um ambiente tradicional e formal de educação e abre espaço para que os sujeitos tomem as rédeas do protagonismo de sua vida. E gradualmente outros colegas da especialização puderam e poderão se aproximar do espaço em que desenvolvemos o projeto, já que a semente de uma rede infinita foi plantada.

3. DESENVOLVIMENTO

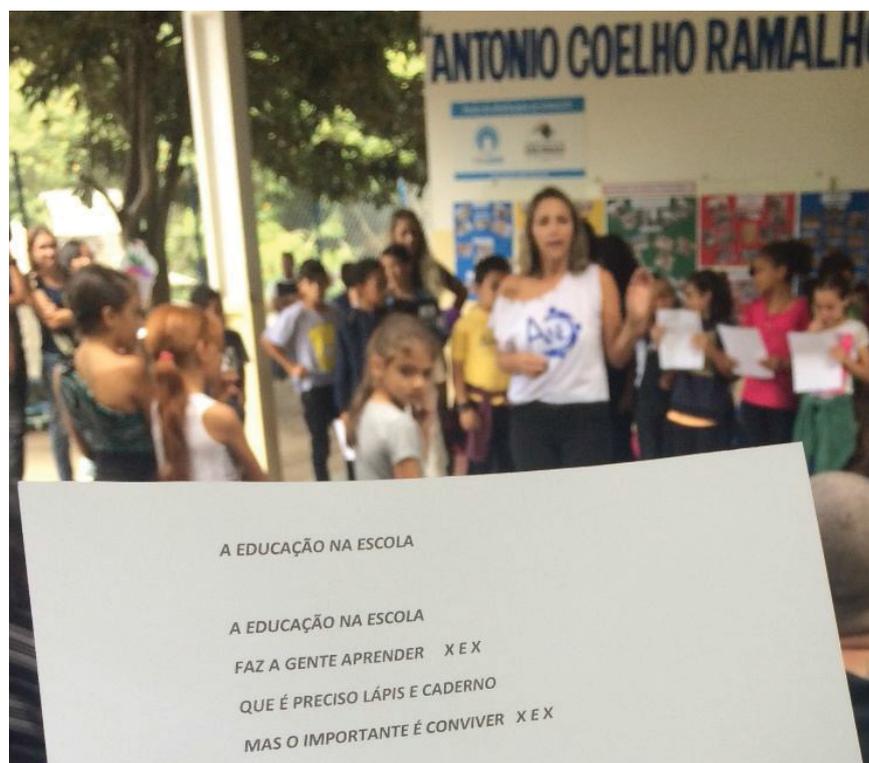
Apesar de já estar muito claro em seu nome, demorei algum tempo para compreender a proposta pedagógica da rede (especialização) ANE, haja vista que não teríamos aulas expositivas, não nos sentaríamos um atrás do outro em fileiras, a fim de ouvir professores falando o dia todo. De modo contrário, desafiavam-nos a ser estudantes autônomos, a conviver em roda colaborando mutuamente e a sermos agentes de projetos que envolvessem a comunidade, posto que o PPP (Projeto Político Pedagógico) do setor litoral da Universidade Federal do Paraná pressupõe o envolvimento de seus cursos, seja da graduação ou pós-graduação, com as demandas locais. No entanto, como cada integrante da ANE vive ou convive com uma realidade e região do estado ou país, recebemos o desafio de propor projetos em nossos locais de interesse – portanto, não necessariamente próximo à universidade.

Nos primeiros meses, empenhei-me em conhecer e compreender os objetivos da especialização, de modo a formar uma percepção crítica da realidade - conforme pressupõe a primeira fase com foco orientador dos elementos estruturantes do PPP da universidade (UFPR, 2008). Para mim, esse momento foi extremamente importante, pois me ajudou a entender a perspectiva emancipatória da educação que a ANE constrói. Também percebi a rede como “[...] uma comunidade, uma comunidade de pessoas que se interessam por educação, uma comunidade de pessoas que realizarão nossa meta maior: **mudar a escola, melhorar a educação: transformar um país.**”, assim como afirma o Manifesto pela educação (2013). Acredito que a nossa união na ANE se deva ao fato de que alguma realidade da escola ou da educação brasileira angustie cada um de nós de diversas maneiras.

A equipe docente e a discente da especialização traçaram diversos esforços para viabilizar as nossas visitas a espaços que possuem projetos ativos e que envolvem verdadeiramente a comunidade. Por diversas vezes a concessão de um ônibus da universidade enfrentou muito diálogo, recusas e até mesmo custeio por parte dos estudantes da pós-graduação. No entanto, com tamanhas adversidades, eu, por exemplo, participei das vivências da Associação PRÓ-CREP (Criar, Reciclar, Educar e Preservar) no município de Palhoça (Santa Catarina), bem como da Escola Municipal Antonio Coelho Ramalho em Ibiúna e do CEU (Centro Educacional

Unificado) em São Paulo. Experiências educacionais que foram extremamente significativas e formadoras, pois percebi o real envolvimento da comunidade com os projetos sociais e de ensino-aprendizagem e os frutos positivos que tem gerado no local, como foi o caso do morador Moisés relatando como a PRÓ-CREP e a professora Hélia Alice dos Santos, através do poder de transformação e mobilização, mudaram sua vida simplesmente por acreditarem nele. A partir daquele momento notei que a amorosidade também faria parte da nossa caminhada, fazendo-me compreender que os objetivos da especialização emancipatória iriam além do esperado, de modo a transbordar sentimentos.

FIGURA 1 – ALUNOS E DIRETORA DA ESCOLA ANTONIO COELHO RAMALHO EM IBIÚNA, SÃO PAULO.



FONTE: O autor (2019).

As visitas vivenciadas colaboraram extremamente para o período em que analisei as possibilidades de projetos que eu poderia estabelecer ou compor com algum ou alguma colega. O real contato com a escola Ramalho, dirigida pela professora Mila Zeiger Pedroso Delfim (Figura 1), oportunizou-me fôlego e

esperança, pois compreendi que o modelo de educação que admiro é possível e pode realmente acontecer nas escolas brasileiras. Visualizamos lá a verdadeira autonomia dos educandos que nos receberam e nos contaram sobre a aprendizagem por projetos e a importância daquela escola em suas vidas e, conseqüentemente, na vida da sua comunidade.

Um exemplo concreto foi a explicação de que as crianças desenvolveram a aprendizagem da adição com a visita a um supermercado parceiro, a fim de contextualizar as contas com compras que necessitamos realizar no dia a dia. Segundo a proponente do projeto, o desafio é diário, mas a esperança e o sorriso das crianças movem o trabalho de sua equipe.

A minha carreira docente acontece unicamente na rede privada de ensino, ou seja, a minha ausência na rede municipal ou estadual de educação prejudicou a minha percepção de uma lacuna social ou demanda local para uma proposta de projeto. No entanto, após seis meses de análise crítica da especialização, iniciei o desenvolvimento do(s) meu(s) projeto(s) e ações ANE no início de 2019. Durante os meses de fevereiro e março, demos início ao projeto *Criando e brincando na escola* no Colégio Estadual Amyntas de Barros com o objetivo de os alunos criarem jogos e brincadeiras com materiais recicláveis e, posteriormente, jogarem ou brincarem.

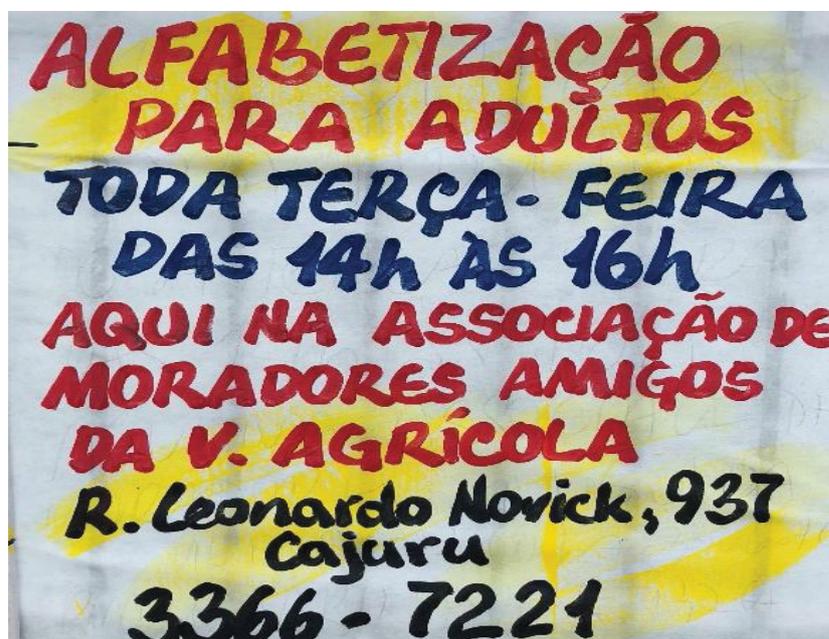
A ideia surgiu a partir do entendimento de que a ludicidade se afasta abruptamente dos educandos durante o EF II ou, conforme Marcellino (1989, p. 61), o lúdico é furtado em detrimento de atividades utilitárias determinadas pelos adultos. Possivelmente, isso também se deva à tentativa dos professores de dar conta dos conteúdos exigidos, faltando-lhes tempo para inovações e demais propostas durante suas aulas, além de existir um senso comum de que a escola é lugar de estudar e não de brincar. Como resultado, raramente novas alternativas educacionais estão presentes nas salas de aula dessa fase, sejam elas projetos ou simples brincadeiras ou jogos. Restam, portanto, apenas lembranças da educação infantil e, eventualmente, do EF I.

No entanto, depois do desenvolvimento de alguns materiais lúdicos com os alunos, por questões de adaptação e melhor desenvolvimento e enquadramento com a minha área de formação, decidi mudar de proposta. A isso se deve, inclusive, a alternativa do plural no penúltimo parágrafo – do(s) meu(s) projeto(s) –, de modo que passei a considerar o projeto dos jogos e brincadeiras como uma ação que ocorreu durante dois meses com um encontro semanal.

Precisei reanalisar as possibilidades de atuação, redirecionando o meu foco para o letramento (tópico ímpar para mim), ao passo que decidi propor o projeto de alfabetização e letramento de adultos iniciado em maio na Associação de Moradores Amigos da Vila Agrícola. A proposta surgiu a partir da observação de que a tecnologia do ler e escrever é um privilégio de poucos, conforme discutimos no início com os números da PNAD, e como é possível observar em diversas comunidades: indivíduos que não dominam ou não dominam completamente a leitura e a escrita. O trabalho focou no desejo de possibilitar que mais pessoas da região escolhida desenvolvam o letramento, fazendo-me acreditar que daquele espaço sairão novos estudantes e profissionais, pois o desejo e garra existem nas mulheres que frequentam os encontros.

A fim de principiarmos o projeto, iniciamos a divulgação aos moradores. Focamos, principalmente, nas pessoas que compareciam à distribuição de frutas e verduras, além de postagem no *Facebook* da associação e de mensagem via *WhatsApp* aos pais dos adolescentes participantes da escolinha de futebol.

FIGURA 2 – FAIXA DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.



FONTE: O autor (2019).

No caso da distribuição de frutas e verduras, rapidamente percebemos que a maioria das pessoas eram mulheres e donas de casa, ou seja, o número de homens era muito pequeno. Durante o período de duas semanas de divulgação, anotamos

os nomes dos interessados e seu telefone. Posteriormente, o projeto se instalou nas terças-feiras entre 14h e 16h, dia de minha tarde de folga na escola particular em que atuo. Tempos depois, conseguimos a confecção de uma faixa de divulgação (Figura 2), que foi fixada no muro da associação para que mais pessoas soubessem do projeto e participassem.

A partir da minha presença na associação, as ações não se restringiram aos encontros com os adultos. Um sábado a cada mês, por exemplo, fui uma das pessoas convidadas para aplicar uma dinâmica ou atividade de introdução aos meninos entre 7 e 14 anos da escolinha de futebol – mantida pela instituição com o apoio da prefeitura de Curitiba e dos treinadores voluntários. Assim, fundamentei as ações visando o desenvolvimento da linguagem e a estratégia de grupo, haja vista que um time (equipe) precisa ter sintonia, compreensão e respeito às individualidades para alcançar os objetivos comuns.

FIGURA 3 – JOVENS DA ESCOLINHA DE FUTEBOL MANTIDA PELA ASSOCIAÇÃO.



FONTE: O autor (2019).

Os jovens chegavam às 8h30 para o café da manhã na associação e realizávamos alguma interação entre eles, como o *nó humano*, com o propósito de trabalharem em conjunto para superar o desafio posto: o círculo embaraçado de pessoas que precisa voltar a ser um círculo normal. Lembro-me desse exercício ser

um dos primeiros que apliquei, pois, o fundamento colabora grandemente com o time, posto que, como sabemos, durante um jogo de futebol os jogadores devem buscar o melhor resultado. Ademais, também propus atividades que envolviam a linguagem, como foi o caso de *fui à feira*, em que cada um dos participantes precisa lembrar o que os anteriores disseram que compraram quando foram à feira, a fim de estimular a concentração e a escuta. Esses momentos foram gratificantes, porque os participantes demonstravam se divertir, o que acabou aproximando-os.

Uma ação extremamente significativa foi o aulão de revisão para o ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) que ocorreu no próprio espaço da associação. A ideia surgiu a partir da procura dos moradores da comunidade, pois sabiam das aulas de alfabetização e letramento e vinham perguntar se poderiam participar. Certamente a resposta não era negativa, mas compreendemos que a finalidade dessas pessoas era outra, porque desejavam obter o certificado de conclusão do ensino fundamental ou médio.

Como o exame ocorreu no dia 25 de agosto de 2019, a Thalyta Andrade, vice-presidente da associação, e eu agendamos o aulão para os dias 22 e 23 daquele mês – antecedendo o domingo da realização da prova. Definimos o horário das 18h às 21h e a possível organização das aulas por eixo: (1) Ciências da Natureza, (2) Matemática, (3) Ciências Humanas e (4) Língua Portuguesa e Redação. O segundo passo foi encontrar professores parceiros que quisessem fazer parte da ação, visto que os assuntos de Língua Portuguesa e Redação eu me encarreguei com muito entusiasmo, no entanto, não poderia fazer o mesmo pelas outras disciplinas. Satisfatoriamente tivemos outros três docentes que se voluntariaram, ao passo que cada um de nós trabalhou entre 1h30 e 2h com os moradores da comunidade que prestaram a prova do ENCCEJA. Percebemos, mais uma vez, o verdadeiro sentido de propor atividades que estejam próximas dos moradores e que busque colaborar com a emancipação do indivíduo. A gratidão demonstrada por cada um nos encheu de alegria e esperança.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em fevereiro de 2019, busquei uma escola parceira que quisesse desenvolver um projeto de aprendizagem, com o objetivo de promover “[...] a aprendizagem de conceitos e desenvolvimento de competências e habilidades específicas.” (MOURA E BARBOSA, 2011, p. 26) A definição da tipologia de projeto foi muito importante, pois sempre levei em consideração o argumento de que o ensino superior deva cooperar verdadeiramente com a educação básica, não se limitando a desenvolver conhecimento na academia sem o retorno dos resultados ao seu objeto de estudo.

A ação *Criando e brincando na escola* teve como pilar a criatividade e a ludicidade, na medida em que o objetivo foi a criação de jogos e brincadeiras com materiais recicláveis em uma turma de 7º ano do ensino fundamental II (EF II) do Colégio Estadual Amyntas de Barros (Pinhais, Paraná). Notadamente houve modificação na dinâmica dos momentos que os educandos vivenciam no ambiente escolar e acreditamos na contribuição para o desempenho acadêmico e desenvolvimento de cada estudante, bem como na promoção do trabalho em grupo e da compreensão da opinião do outro.

As principais parceiras no colégio foram a pedagoga Elizangela Ribas Rosa e a professora de Educação Física, Andréa Lara, posto que nos concederam uma aula semanal com o 7ºD para apresentarmos e possibilitarmos aos educandos atividades distintas daquelas que estão acostumados a experienciar na escola.

No primeiro encontro com a turma, levamos para a sala de aula bandeja de ovos cortada e algumas tampas de garrafa pet de várias cores. A instrução inicial, após conversarmos sobre os objetivos do projeto, foi que os 29 alunos presentes se distribuíssem em cinco grupos. Em seguida, entregamos um bloco da bandeja de ovo para cada grupo e instruímos que, além de irem até a caixa sobre a mesa do professor e escolher alguns dos materiais que estavam dentro (apenas tampas de garrafa), deveriam discutir entre eles que jogo ou brincadeira poderiam propor a partir daqueles materiais.

Foi extremamente perceptível o envolvimento, animação e curiosidade deles, mesmo que alguns estivessem mais quietos ou tímidos. Não demorou para que a maioria dos grupos dissessem que um jogo possível era o jogo da velha, ou seja, ao invés de termos o “x” e o “o”, um jogador teria as tampas vermelhas e o

outro, as tampas azuis, por exemplo. Porém, naturalmente cada grupo foi discutindo e apontando novas possibilidades. Uma equipe demonstrou que o próprio jogo da velha poderia ser jogado com o bloco da bandeja de ponta cabeça. Outra definiu o “lança velha”, ou seja, cada jogador não colocaria a tampa no encaixe do ovo, mas sim lançaria o objeto para encaixar sozinho nos espaços, a fim de formar a combinação de três peças alinhadas e iguais. Um outro grupo trouxe uma proposta diferente: o jogo consistiria basicamente na mesma ação (lançar a tampa para o bloco), no entanto, em cada encaixe do ovo haveria uma numeração, correspondente a uma pontuação. Assim, cada jogador lançaria uma tampa e somaria os pontos gradualmente, até que já tivessem lançado todas as peças e ganhasse aquele com maior número de pontos.

FIGURA 4 – JOGO CRIADO PELOS ALUNOS DA AÇÃO CRIANDO E BRINCANDO NA ESCOLA.



FONTE: O autor (2019).

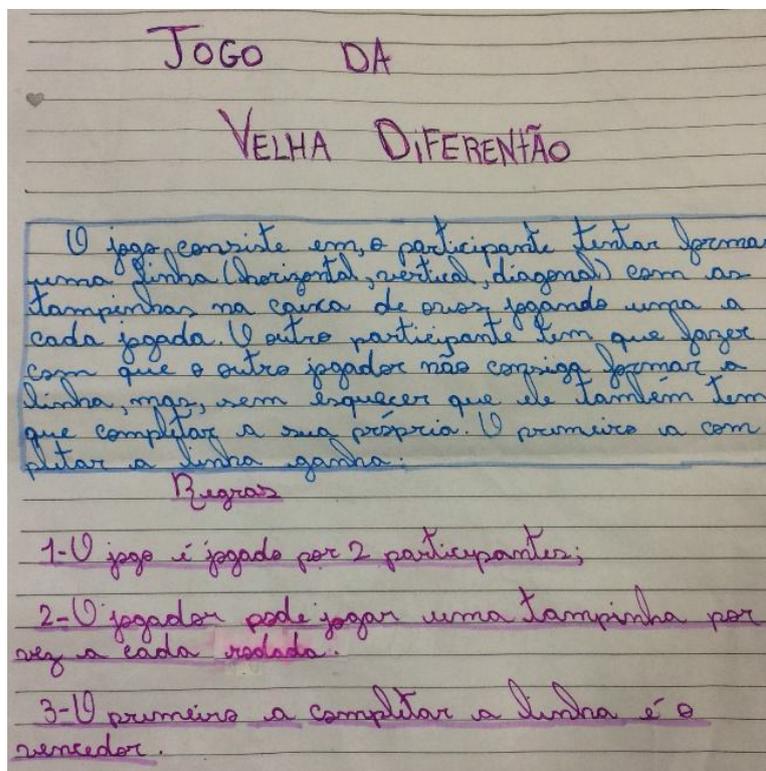
Propusemos que na semana seguinte trouxessem seu jogo pronto, isto é, desenvolvido e trabalhado conforme o desejo do grupo. Mais uma vez a turma foi

além das nossas expectativas, pois deram liberdade à criação e imaginação e desenvolveram o melhor possível, como é perceptível na figura 4 (acima).

Nesse segundo encontro, os grupos puderam aproveitar o momento para compreender e interagir com os jogos criados pelas outras equipes. Aos poucos, os estudantes começaram a identificar a necessidade de as regras estarem bem definidas e escritas, posto que a criação de novos jogos ou brincadeiras demanda estratégias e organização (regras) para que outras pessoas possam brincar e colocá-los em teste.

Sendo assim, demos início ao terceiro encontro. Reunimos os mesmos grupos, a fim de construírem as leis da sua atividade lúdica, trabalhando em equipe e com a opinião do colega. A partir daquele momento, iniciamos um tópico importante e desejado pelo projeto: o letramento (já definido na introdução); o que foi sutilmente estimulado, na medida em que os educandos não podem ser restringidos a apenas decodificar palavras, mas possuem o direito de serem inseridos em contextos sociais que permitam a sua reflexão individual e coletiva.

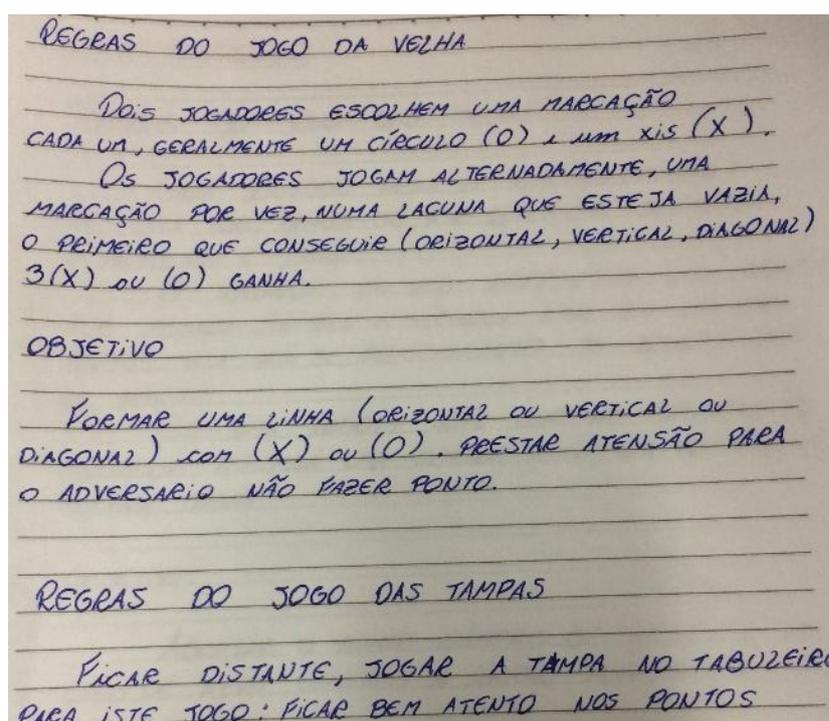
FIGURA 5 – REGRAS DO JOGO DA VELHA ADAPTADO PELOS ALUNOS.



FONTE: O autor (2019).

Nas imagens 5 e 6, por exemplo, é possível notar a organização dos alunos, bem como a boa noção do que é um texto de instruções, embora em nenhum momento tenhamos iniciado discussões desta envergadura. Um dos textos apresenta título, objetivo e um tópico chamado *regras*. Notadamente houve alguns desvios quanto à norma-padrão da língua, mas acreditamos que tais atividades colaboraram fundamentalmente para a ampliação do conhecimento linguístico. Certamente não poderíamos fazer cobranças nesse sentido, pois sempre foi claro em minhas intenções que o projeto colaboraria com o letramento sem que necessitássemos trabalhar diretamente com aspectos textuais e gramaticais. Inclusive, supus que o envolvimento dos educandos seria menor caso eu apresentasse essa abordagem junto ao projeto, já que a escola atual ajudou a criar um preconceito com assuntos da disciplina de Língua Portuguesa.

FIGURA 6 – REGRAS ESCRITAS PELOS ALUNOS PARA O JOGO DA VELHA.

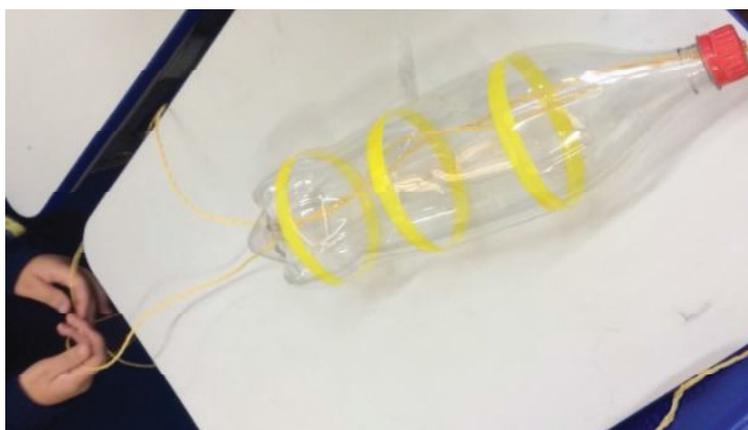


FONTE: O autor (2019).

Concluída essa etapa, desafiamos os estudantes a pensarem durante a semana em alguma outra brincadeira ou jogo que pudessem ser criados com materiais recicláveis. Para atender a finalidade, deveriam trazer os elementos necessários para a criação em sala, desde que não comprassem nenhum material,

mas fizessem uso dos quais tinham em casa, do contrário a proposta perderia o sentido. No entanto, não foram todos os grupos que se lembraram de trazer os materiais, embora tivessem boas ideias. Já os demais, percebemos que algumas famílias ajudaram com sugestões e até mesmo a montar brincadeiras ou jogos, conforme podemos perceber nas figuras 7 e 8.

FIGURA 7 – VAI E VEM CRIADO PELOS ALUNOS COM A AJUDA DA FAMÍLIA.



FONTE: O autor (2019).

FIGURA 8 – JOGO DA VELHA CRIADO PELOS ALUNOS.



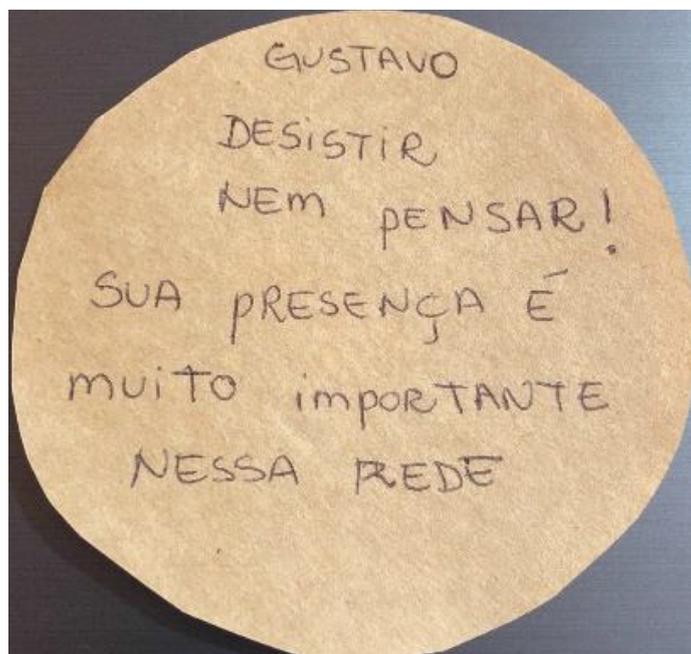
FONTE: O autor (2019).

Já acreditávamos nessa possibilidade dos pais, irmãos e responsáveis se envolverem, então ao vê-la se concretizar, mesmo que sutilmente, deixou-nos muito felizes, pois o projeto conseguiu estabelecer um novo laço em casa. Rapidamente percebi que a *intergeracionalidade* estava fazendo parte do projeto: inicialmente através do resgate de atividades de gerações anteriores e posteriormente com o real envolvimento dos mais velhos com os mais novos, de modo que os dois tópicos se complementam.

Por outro lado, percebemos que gradualmente os estudantes foram se desmotivando com o projeto. Talvez por opinarem que as atividades eram, de certa forma, repetitivas. Notei também que o fato de o projeto ocupar uma aula de Educação Física e o último horário antes de voltarem para casa, frustrava-os. Aos poucos, a situação também começou a me frustrar, o que me fez pensar por diversas vezes que algo estava errado, que eu não estava sabendo conduzir o projeto ou que não estava compreendendo o objetivo fundamental da ANE.

Ao expor, em um dos encontros, as minhas angústias a alguns colegas e docentes da especialização, recebi um correio elegante que demonstrou o que encontramos nos abraços e nas palavras dos colegas e amigos ANEanos.

FIGURA 9 – CORREIO ELEGANTE ENVIADO A MIM EM UM DOS ENCONTROS ANE.



FONTE: O autor (2019).

Todos me encorajaram, sugeriram e apoiaram, o que me fez enxergar o verdadeiro sentido de estarmos sempre em roda durante os encontros: sermos uma rede. Rede de solidariedade, construção, apoio, entre outras palavras carregadas de positividade e amorosidade. Afinal de contas, “ninguém é tão bom quanto todos nós juntos.”

De todo modo, decidi finalizar o projeto e reanalisar as possibilidades de propor um novo. Levei algum tempo neste processo, buscando me reencontrar, eu diria. Momento em que decidi propor um projeto melhor alinhado com a minha área de formação. Dessa forma, busquei um espaço parceiro que pudesse disponibilizar o local e, assim como eu, possuísse a vontade de oportunizar encontros semanais de alfabetização e letramento para os idosos. Curiosamente, o primeiro espaço que entrei em contato, a Associação de Moradores Amigos da Vila Agrícola, aceitou ter uma conversa comigo.

A associação, localizada em Curitiba, na rua Leonardo Novicki, nº 937, bairro Cajuru, possui algumas atividades fixas, como a distribuição diária de sopa em parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio), a distribuição de frutas e verduras para 59 famílias em situação de vulnerabilidade social às segundas-feiras em parceria com o CEASA (Centrais de Abastecimento do Paraná S.A.), bem como um projeto similar para 50 famílias, mas em parceria com o Mesa Brasil, às sextas-feiras. Às quartas e quintas-feiras, a associação promove um bazar no próprio espaço, de modo que a comunidade pode comprar roupas entre R\$ 2,00 e R\$ 5,00. Aulas de pintura em pano de prato ocorrem às sextas-feiras em parceria com a recreacionista Maria Helena Rocha, ao passo que as mulheres participantes aprendem um artesanato que pode lhe render dinheiro com as vendas. Por fim, aos sábados, adolescentes da comunidade podem participar do Projeto Recomeçar que oportuniza a escolinha de futebol através do benefício de lei de incentivo municipal. Segundo a Thalyta, os trabalhos se concretizam por meio do quadro de voluntários, que é revezado por dia ou por atividades.

Segundo o documento disponibilizado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná através do site Dia a Dia Educação, o bairro Cajuru possui apenas duas instituições que ofertam a Educação de Jovens e Adultos (EJA): Colégio Estadual Deputado Olívio Belich e Colégio Estadual Santa Rosa. Sabemos que as mulheres sujeitos do projeto residem próximo da associação de moradores, então se tomamos esse ponto de partida, o primeiro colégio está a 2,4km e o

segundo está a 2km de distância. Parece pouco, mas quais são as verdadeiras condições que a sociedade oferece para que essas mulheres frequentem a escola?

Iniciamos a nossa contribuição com a comunidade: no primeiro dia de atividade do projeto, buscamos conhecer as pessoas que vieram ao encontro, pois partimos do pressuposto de que trabalharíamos com seres humanos com diversas trajetórias, oportunizando-nos momentos de interexperencialidade. Note-se que compareceram sete mulheres ao primeiro encontro, mas nenhum homem durante todo o desenvolvimento do projeto no ano de 2019.

Para iniciarmos, solicitei que elas usufríssem do espaço para falar um pouco de si espontaneamente, o que contribuiu para que não compreendessem o projeto como uma escola tradicional em que apenas o docente fala e os discentes executam atividades. Assim, desde o primeiro dia fizeram uso da sua própria fala e percebi que não estavam envergonhadas, provavelmente pelo fato de que a maioria delas já se conhecesse da vizinhança. E o discurso delas me ajudou a perceber que o perfil do nosso grupo de trabalho, que constituiu uma comunidade de aprendizagem, é, majoritariamente, de mulheres que não chegaram a concluir a 4ª série do ensino fundamental I. A realidade delas é de ter trabalhado desde muito jovem, ao passo que a escola não era considerada importante por suas famílias, senão o trabalho e a sobrevivência em casa.

FIGURA 10 – EU E AS PARTICIPANTES DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO.



FONTE: O autor (2019).

O grupo também me fez sentir muito à vontade, pois sempre foram respeitosas e demonstraram carinho pelo momento da aula. Continuamente me chamam por *professor*, mas eu, na tentativa de me aproximar delas e não construir uma barreira entre nós, chamo-as pelo nome ou por *vizinha*. Acredito na necessidade de me compreenderem como uma pessoa próxima daquele espaço e por enfrentarmos eventualmente as mesmas necessidades, haja vista que venho de uma família em que as pessoas também não concluíram seus estudos básicos.

Partindo do pressuposto de que somos camaleões linguísticos, conforme afirma Carlos Alberto Faraco (2008), assumi legitimamente a posição desse falante que transita entre variedades da língua, a fim de estar próximo das participantes do projeto com uma variante linguística do contexto delas. No entanto, as minhas falas durante o encontro avançavam gradualmente para a norma culta da língua, definida como a “[...] variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas [...]” (2008, p. 46 e 47), ou seja, adotei essa abordagem por acreditar que o processo de alfabetização e letramento também deve oportunizar o acesso à diversidade da língua para que os indivíduos compreendam que todas as formas de fala são autênticas e não podem ser consideradas erradas em detrimento de outras. Dessa forma, com o passar do tempo, as falantes do projeto também dominarão outras variedades da língua, a ponto de adequar cada uma delas para determinado contexto, haja vista que

É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu modo de falar às práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que pertence. (FARACO, 2008, p. 38).

No encontro seguinte, procurei compreender o nível de cada uma delas frente às tecnologias da escrita e da leitura, que deveria ser de amplo acesso à população. Solicitei que escrevessem seu próprio nome completo e alguma frase que fizesse parte do seu contexto, isto é, abordando palavras do próprio mundo, já na tentativa de que a abordagem do professor Paulo Freire (1989) fizesse parte da nossa proposta de trabalho – a *palavramundo*. A partir disso, avalei o domínio da escrita, percebendo que para a maioria delas não havia, por exemplo, noção de maiúsculo e minúsculo, de separação silábica e de pontuação, bem como ocorreu a supressão de algumas letras e a “flutuação” de palavras, ou seja, raramente estavam tocando a linha. No entanto, uma voluntária da associação, Maria Aparecida (a Cida, à direita da figura 10), que concluiu a 8ª série do ensino

fundamental II depois de adulta, apresentou um rendimento distinto, porque escreveu mais de uma frase e com maior complexidade.

Com ela, o desafio foi diferenciado, porque, além de perpassar questões de separação silábica e de pontuação, também desenvolvemos trabalhos que ajudaram a compreender a distinção entre “mas” e “mais”, “há” e “a”, “mau” e “mal”. Trabalhamos o desenvolvimento de textos (redação), a fim de desenvolver a progressão textual (introdução, desenvolvimento e conclusão), sem deixar de lado a leitura e a discussão de temas gerais e uma apresentação oral às colegas no final do ano.

Note-se que durante o processo de desenvolvimento do projeto, percebi na Cida motivação. No meu ponto de vista, ela se percebe muito bem como responsável pelo desenvolvimento da sua vida. Digo isso porque antes de me contar que estava interessada em prestar a prova do ENCCEJA para obter o certificado de conclusão do ensino médio, começou dizendo que já tinha criado seus filhos e agora estava na hora de pensar na formação que ela não pode ter mais cedo: o ensino médio e a faculdade. Ela foi, inclusive, uma das motivadoras da ação *aulão*.

Na introdução afirmei que não nos damos conta do privilégio que é saber ler e escrever, porque um dos tópicos que mais me chamou a atenção durante o desenvolvimento do projeto foi o fato de que a maioria delas queria dominar essas duas tecnologias para compreender a bíblia, os cânticos da igreja, a receita médica, o folder do mercado, o jornal impresso e o televisivo. Atos de leitura que nós, privilegiados, não nos damos conta de que possuímos. Por esse motivo, busquei organizar o programa de alfabetização com palavras que viessem “[...] do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. [...]” (FREIRE, 1989, p. 11) Com essa abordagem, desenvolvemos as atividades com o objetivo de progredir a alfabetização das mulheres sujeitos do projeto.

Após perceber as dificuldades do grupo, precisei retomar o alfabeto, posto que já não se lembravam da sequência das letras. Fizemos isso com a letra maiúscula e posteriormente com a letra minúscula (cursiva), porque, embora pouco alfabetizadas, elas já conheciam essa forma de escrita – percebida através do nome completo delas e da frase solicitada. Também foi preciso retomar as famílias silábicas, porque alguns pares fonéticos não estavam claros quanto a sua representação gráfica. O processo positivo notado foi o diálogo entre elas para

encontrar a pronúncia correta e a forma de escrita, já que eu solicitava que escrevessem ou falassem uma palavra que tivesse a sílaba na sua composição.

A autora Terezinha Rios nos ajuda a refletir sobre um importante aspecto da preparação das nossas aulas, como quando afirma que “o critério que orienta a escolha do melhor conteúdo é o que aponta para a possibilidade do exercício da cidadania, da inserção criativa na sociedade.” (2013, p. 137) Por esse motivo, procurei preparar os encontros com materiais e atividades que colaborassem para a real inserção das mulheres em mais espaços da sociedade. Busquemos exemplificar com o trabalho desenvolvido através do *Jornal da Comunidade*, que foi um dos nossos grandes aliados, pois utilizamo-nos dele para desenvolver a leitura a partir de notícias do bairro, região ou cidade. De novo: somos privilegiados. Justamente porque por diversas vezes essa atividade foi uma descoberta para elas, já que não foi raro eu escutar “Nossa! É assim que se escreve?!”. Ou seja, as mulheres estavam percebendo como as palavras do seu contexto eram realmente escritas, já que provavelmente supunham que eram escritas de outra forma.

O caça-palavras das edições do jornal também foi um apoio interessante, na medida em que precisavam de atenção para encontrar as palavras que nem sempre estava na posição horizontal. Essa proposta de atividade levava algum tempo para elas realizarem, mas alcançavam o objetivo satisfatoriamente. No caso de outras leituras, algumas mulheres relatavam não conseguir enxergar direito pela falta de óculos. Dessa forma, precisei transpor os materiais do original para cópias ampliadas, já que conseguir uma consulta com o oftalmologista e os óculos não são imediatamente acessíveis a elas.

Os folhetos dos supermercados do bairro também estavam presentes em nossos encontros, mas o caminho se estabelecia de uma maneira diferente, porque a leitura da palavra era apoiada pela imagem do produto. Uma dessas atividades despertou grande interesse, pois inicialmente identificamos os produtos e analisamos quais eram as promoções e, sequencialmente, cada mulher indivíduo criou uma lista de compras com os produtos desejados. Solicitei que imaginassem quantos reais seriam necessários para efetuar a compra dos produtos listados. Então, antes de mais nada, discutimos um pouco sobre a moeda brasileira, como a posição do *real* antes da vírgula e dos *centavos* depois dela. Em seguida, com o folheto na mão, anotaram os preços das mercadorias da sua lista e fizemos a soma de quanto daria cada uma das compras. Por fim, discutimos se a quantidade de

dinheiro imaginado por elas pagaria a compra ou faltaria dinheiro. Notei durante essa atividade, a relevância do assunto, sobretudo porque simulamos algo real da rotina doméstica.

Durante cada um dos encontros e das atividades propostas, foi preciso inserir gradualmente noções referente às dificuldades encontradas pelas alfabetizadas. Atualmente, o início das frases começa a aparecer com letra maiúscula, embora nem sempre se lembrem automaticamente e eu precise perguntar se é assim mesmo ou há necessidade de mudar alguma coisa. Isto é, a minha abordagem busca permitir que elas acessem o conhecimento e tomem a decisão. Quanto à separação silábica, não é diferente, pois ao notar uma sílaba separada, solicito que pensem como é que aquela palavra poderia ser dividida em sílabas. É importante notar que não lanço as perguntas e deixo-as sem amparo, ou seja, espero alguma resposta e ajudo na solução. O mesmo se dá quando suprimem letras das palavras. Oriento que leiam sílaba por sílaba, o que faz com que acabem percebendo a ausência da letra ou sílaba ao não pronunciá-las.

Por outro lado, percebo que a pontuação ainda não está muito clara para elas, haja vista que geralmente não utilizam vírgulas e ponto final em suas frases. A acentuação das palavras também precisa melhorar grandemente. Apesar de ainda não termos trabalhado sobre o assunto, as leituras realizadas nos encontros colaboram para a internalização dos acentos gráficos sobre as palavras. Quanto à flutuação das palavras, a maioria delas ainda não consegue mantê-las sobre a linha, mas apresenta melhora – tópico que preciso sempre lembrá-las até que se torne um hábito.

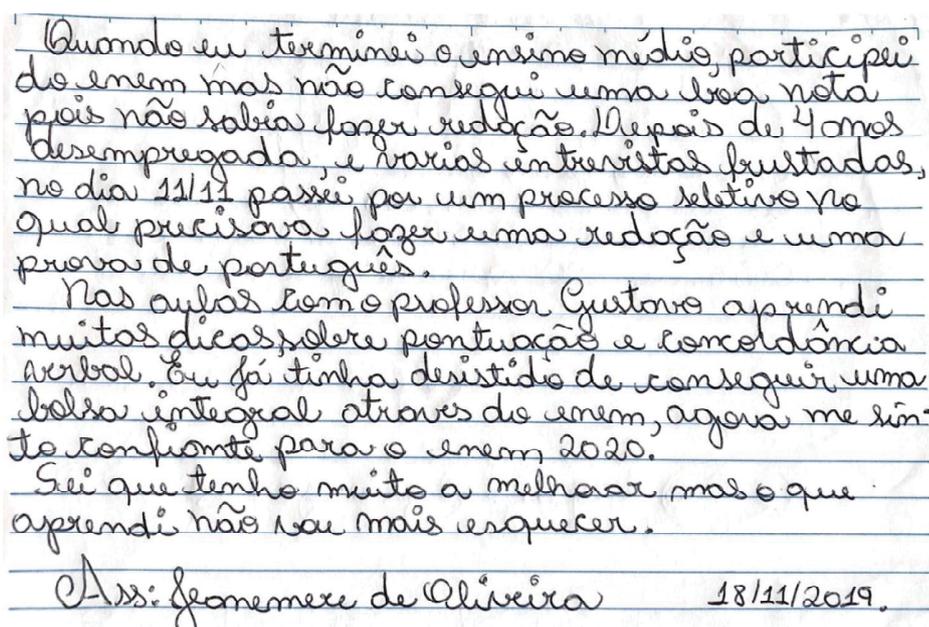
Já com a Cida, conforme mencionado anteriormente, lemos textos verbais e não verbais, discutimos alguns temas caros à sociedade e ela escreveu redações durante esse processo. As dificuldades foram trabalhadas na escrita, a fim de que ela percebesse a finalidade de cada palavra que confundia. Notadamente algumas dessas confusões ela já superou, mas é preciso continuar desenvolvendo através do projeto.

Posteriormente, a filha dela, Jeanemere, também começou a frequentar os encontros. A jovem concluiu o ensino médio e deseja melhorar a escrita dos textos para obter boa nota e entrar na universidade. Então, discutíamos sobre o tema que eu previamente preparava, ela anotava as informações que se lembrava a partir do seu repertório pessoal e, em seguida, lia os textos motivadores para a produção da

redação dissertativo-argumentativo. Apesar de já estar há alguns anos fora da escola, Jeane apresentou textos bons escritos e com articulação de ideias. Por outro lado, necessitamos desenvolver melhor o uso da vírgula, da acentuação e da progressão textual.

A Cida e a Jeane também participaram da ação *aulão para o ENCCEJA*. Notadamente, a moça não se inscreveu para a prova, mas estava lá para apoiar a mãe, como sempre fez durante o projeto, e para revisar alguns conteúdos já estudados. Atualmente ela não frequenta mais os encontros porque conseguiu uma vaga de emprego – conforme leremos abaixo. Jeane enviou o relato após eu solicitar que escrevesse um pouco sobre como foi para ela o processo no nosso grupo de alfabetização e letramento, caso se sentisse à vontade.

FIGURA 11 – RELATO DE UMA PARTICIPANTE DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.



Quando eu terminei o ensino médio, participei do enem mas não consegui uma boa nota pois não sabia fazer redação. Depois de 4 anos desempregada, e varias entrevistas frustradas, no dia 11/11 passei por um processo seletivo no qual precisava fazer uma redação e uma prova de português.

Nas aulas com o professor Gustavo aprendi muitas coisas sobre pontuação e concordância verbal. Eu já tinha desistido de conseguir uma bolsa integral através do enem, agora me sinto confiante para o enem 2020.

Sei que tenho muito a melhorar, mas o que aprendi não vou mais esquecer.

Ass: Jeane Menezes de Oliveira 18/11/2019.

FONTE: O autor (2019).

Além de mãe e filha participando do projeto e da ação supracitada, recebemos outros cinco moradores que também realizaram a prova ENCCEJA e estavam com grandes expectativas para a ação. As aulas foram organizadas por eixos para a quinta-feira e sexta-feira que antecederam o domingo da prova, dia 25 de agosto de 2019. A professora Gabriela Ribeiro, minha colega na rede particular, trabalhou com as Ciências da Natureza entre 18h e 19h30 da quinta-feira e o

professor Derosso (parceiro da associação) foi o responsável pela Matemática entre 19h30 e 21h. No dia seguinte, a professora Marcielh Rodrigues (companheira ANE) abriu a noite com reflexões interdisciplinares sobre os assuntos mais importantes das Ciências Humanas. Por fim, encerrei o aulão explicando conteúdos da Língua Portuguesa a partir da resolução de questões de anos anteriores, além de tópicos centrais sobre o desenvolvimento de redações dissertativo-argumentativas. Também conversamos sobre orientações gerais para o exame, haja vista que muitos jamais tinham feito uma prova pública.

Devido à complexidade de alguns tópicos das disciplinas e o tempo daquelas pessoas longe da escola, o horário foi sempre extrapolado, o que reconhecemos como positivo, porque os presentes estavam verdadeiramente envolvidos nas discussões e na resolução das perguntas. A uma hora e meia prevista para cada eixo ampliou para aproximadamente duas horas, o que não foi enfrentado como um problema, mesmo que os participantes estivessem cansados do dia de trabalho. O lanche preparado e oferecido pela associação também ajudou a renovar as energias.

FIGURA 12 – AULA DA AÇÃO AULÃO ENCCEJA 2019 NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES.



FONTE: O autor (2019).

Ficamos extremamente felizes por termos recebido sete alunos nos dois dias de aula. É claro que nos alegraríamos ainda mais com a presença de mais pessoas, contudo, acreditamos que o número de presentes colaborou para a participação ativa de todos, visto que tiraram dúvidas, pensaram em conjunto e responderam às questões. Analisamos e entendemos que os objetivos foram alcançados, inclusive

porque essa ação buscou colaborar com o resultado de seres humanos que depositam na prova novas expectativas e objetivos para a sua vida.

FIGURA 13 – ENCERRAMENTO DA AÇÃO AULÃO NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES.



FONTE: O autor (2019).

Posteriormente, a professora Gabriela enviou uma mensagem que representa bem o sentimento geral do nosso primeiro aulão:

A experiência de participar no aulão do ENCCEJA e compartilhar disso com os participantes do projeto foi muito especial. Eu nunca tinha tido contato com esse tipo de prova e nem com esse tipo de projeto. Nunca tinha dado aula para alunos com mais de 17 anos de idade. E aprendi muito! Resolver algumas questões de ciências da natureza com os alunos e ter a participação deles foi super incrível! Trabalhar com natureza tem essa vantagem, de abordar temas cotidianos e próximos das pessoas. Isso faz com que os alunos sejam mais participativos e falem bastante, de modo a enriquecer ainda mais a aula. E no fim daquelas duas horas, acredito que todos nós aprendemos muito! (RIBEIRO, 2019)

Isto posto, considero que a minha inserção na comunidade, assim como do projeto e das ações, fluiu naturalmente, pois desde o primeiro contato com a associação, tivemos boa identificação de objetivos. Inclusive, a minha relação com os indivíduos, através de cada movimento, colaborou para o bom relacionamento com a comunidade, visto que os moradores frequentadores da associação me aceitaram positivamente como um colaborador, criando, além do mais, afetividade. Posso exemplificar com o fato de que eventualmente precisei desmarcar a aula por

motivo particular, então na semana seguinte as mulheres relatavam a falta que o encontro semanal fez em sua vida. Do mesmo modo, elas se mostravam chateadas quando por razões próprias precisavam faltar.

No último encontro formal (09/11/2019) da segunda turma ANE, começamos a pensar e a dialogar as possibilidades de apresentações e exposições para a IV CONANE (Conferência de Alternativas para uma Nova Educação) Caiçara – conferência que marcou a finalização da pós-graduação em dezembro de 2019. Inicialmente cada indivíduo, de acordo com o seu projeto, associou-se a um eixo temático, os quais cito: *comunidades, educação e direitos, sustentabilidade, arte e resistência, processos inclusivos e transformação, escola e mudanças, juventudes*, além de *infância, alegria e valores*. Assim, os projetos se uniram pela temática, de modo que me inseri no coletivo **comunidades**, composto também pelas companheiras Ana Cláudia, Cintia, Franciele, Iara, Lully e Taciana, mediados pela Josililian Alberton, especialista ANE, conforme imagem abaixo.

FIGURA 14 – INTEGRANTES DO EIXO COMUNIDADES DURANTE UM ENCONTRO ANE.



Foto: Autor desconhecido (2019).

Em nosso eixo, o diálogo foi extremamente positivo, posto que as trocas de experiências resultaram em novos aprendizados e novas parcerias para o futuro dos projetos. Certamente será mais do que assertivo possibilitar a aproximação dos indivíduos e projetos através dos eixos desde encontros anteriores e não unicamente para a organização do evento final da especialização, haja vista os frutos positivos estabelecidos, irrestritos à realização de uma conferência nacional.

Desse modo, a CONANE possibilitou a cada um de seus participantes uma breve compreensão do envolvimento da universidade com as comunidades. Foi

através de cada exposição, diálogo, produção artística, interação, entre tantos outros acontecimentos de três dias intensos de atividades, que visualizamos a negação do formato das conferências e congressos tradicionais, utilizando-nos de nossa criatividade. Acertadamente o desejo de lutar por uma educação emancipatória moveu cada um de nossos passos durante o processo de construção dos projetos e nos anima para a continuidade de ações que signifiquem verdadeiramente a vida das pessoas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que a ANE (Alternativas para uma Nova Educação) me ajudou a compreender que a escola não é o único espaço em que se faz educação, conforme visualizamos em diversos projetos e comunidades da nossa rede. No entanto, antes de mais nada, a especialização colaborou com a minha formação humana, porque atualmente possuo uma visão mais fraterna sobre o mundo, isto é, compreendo, reflito e atuo melhor nas diversas realidades e com os seres humanos que encontro. Isso só foi possível por conta da amorosidade sentida a cada encontro através dos diálogos e construções. É importante ressaltar, além disso, que esses momentos sempre evidenciavam e evidenciam as *interes* da ANE, pois as culturas, as disciplinas, as gerações, os territórios, as instituições e as experiências se consolidam por meio dos integrantes do curso e do coletivo que estão em constante interação.

Percebo que os projetos provocaram novos momentos, experiências e aprendizados aos participantes e esse é o verdadeiro sentido das propostas de trabalhos ANE e de uma associação de moradores, pois estabelece uma relação de colaboração com seus residentes vizinhos. Faz-se necessário que a parceria entre essas entidades, os órgãos públicos e os voluntários sempre existam para que a população tenha apoio nas mais variadas necessidades. Aliás, a esperança habita cada um de nós.

Foi assim que as minhas ações e projetos foram desenvolvidos, pressupondo que o trabalho verdadeiro e satisfatório precisa ter como objetivo principal o ser humano. Indivíduo que possui sonhos, ambições, frustrações e medos. E por tantos motivos deve ser apoiado e compreendido. Dessa forma, o projeto de alfabetização e letramento me permitiu conhecer as mulheres e suas necessidades, bem como a ação com o 7º ano da escola pública me fez perceber a criatividade dos jovens quando instigados a novas vivências. As dinâmicas com os meninos da escolinha de futebol me fizeram enxergar seus sonhos e a ação aulão me permitiu apoiar as ambições de vida daqueles adultos.

Não foram poucos os desafios que encontrei durante a caminhada, como atuar no projeto de alfabetização de adultos ao mesmo tempo em que lecionava para crianças de 7 anos na rede privada. Contudo, os obstáculos me fortaleceram para uma atuação mais consciente e crítica, alçado pela colaboração de cada

participante e de cada autor através dos textos lidos. No futuro próximo, poderei agir com mais sabedoria e conhecimento, encaminhando melhor as atividades a serem propostas. Entretanto, provavelmente a minha atuação junto à Associação de Moradores Amigos da Vila Agrícola se configure diferente em 2020, posto que seus dirigentes informaram ambicionar projetos direcionados à juventude e não mais atender diversas frentes sem que, segundo eles, visualizem “resultados concretos”. Tal decisão me deixa aflito, porque sei da importância do projeto de alfabetização e letramento para as senhoras participantes. O desafio agora será dialogar para mantê-lo ativo a fim de que as mulheres não fiquem desassistidas e possamos dar continuidade ao objetivo do meu trabalho com elas.

A semente ANE está plantada no meu e nos projetos e corações dos colegas ANEanos, pois cada um de nós passou por um processo positivo de transformação. No decorrer da formação, visualizamos alguns frutos e veremos novas propostas e ações surgirem constantemente, porque hoje o sentimento de mudar um país através da educação habita ainda mais os nossos corações, especialmente nos tempos nebulosos em que vivemos.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em 20 dez. 2019.

FARACO, Carlos A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se complementam*. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp>. Acesso em: 21 dez. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: educação 2017*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf> Acesso em: 5 jan. 2020.

LEMINSKI, Paulo; PIRES, Jack. *Quarenta Clics em Curitiba*. Curitiba: Editora Etecetera, 1976, 1990.

MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da Animação*. 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2007.

MOURA, Dácio G.; BARBOSA, Eduardo F. *Trabalhando com Projetos: planejamento e gestão de projetos educacionais*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PASCHOALICK, Ely. et al. [Manifesto] 01 out. 2013, Brasil [para] Cidadão brasileiro. 8f. *Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País*. Disponível em: <<http://manifestopelaeducacao.blogspot.com/2013/10/>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

RIBEIRO, Gabriela. *[Experiência ao participar do aulão]*. WhatsApp: 19 dez. 2019. 23h39. 1 mensagem de WhatsApp.

RIOS, Terezinha A. *Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. 8ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

UFPR – Universidade Federal do Paraná. *PPP – Projeto Político Pedagógico (setor Litoral)*. Matinhos, 2008. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/02/PPP-UFPR-LITORAL_Set-2008_Alteracao_Dez-2008.pdf> Acesso em: 13 set. 2019.